

PREPAREMOS-NOS PARA A JORNADA De 8 e 9 de Agosto

No dia 8 de Junho Salazar e a União Nacional burlaram a Nação roubando os votos do General Delgado e dando-os ao candidato salazarista.

Desde o dia 8 de Junho o povo português tem protestado das formas mais variadas contra esta vergonhosa burla e contra as prisões e mortes de que o governo é responsável. Dezenas de milhares de operários industriais e agrícolas, de pescadores, etc, fizeram greve. O nosso povo declarou nos dias 1, 2 e 3 de Julho a boicotagem aos transportes, aos espectáculos, aos jornais e vestiu-se de luto para manifestar o seu sentido protesto por Salazar continuar à frente do governo.

Que a data da tomada de posse do cargo de Presidente da República pelo Contra-o-povo Américo Tomás, ou seja, os dias 8 e 9 de Agosto deem lugar a uma nova e grande jornada nacional contra a burla eleitoral.

A Nação Portuguesa não aceitará um tal Presidente.

A Nação considera-se ofendida, vestiu-se de luto e lutará por todas as formas ao seu alcance, inclusive as greves e as concentrações de massas, as cartas de protesto, o envio de moções aprovadas em reuniões de massas, as inscrições, etc, etc. Para desmascarar esta vergonhosa tomada de posse.

A Nação há-de encontrar forma de alcançar a vitória da Democracia.

A Nação não ficará de braços cruzados.

Ergamo-nos todos contra a entrega da Presidência da República ao candidato que perdeu as eleições. Façamos dos dias 8 e 9 de Agosto uma nova jornada contra as burlas eleitorais e por um governo de portugueses honrados.

(Continua na 2.ª pág.)



O CAMPONESE

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

A GRANDIOSA PARTICIPAÇÃO CAMPONESA NA LUTA PELA DEMOCRACIA

As massas camponesas participaram activamente na histórica Campanha Eleitoral que o País acaba de viver. O facto de ninguém mais do que a classe operária sentir a necessidade de que este regime acabe lançou o proletariado dos campos, conjuntamente com seus irmãos — os operários industriais — na vanguarda da luta para a conquista da Democracia.

Milhões de pessoas participaram na Campanha Eleitoral. As massas camponesas podem sentir-se orgulhosas pela contribuição dada.

A despeito de todas as dificuldades postas pelo salazarismo ao desenvolvimento da campanha eleitoral, como, por exemplo, a não permissão de sessões da Oposição em todo o distrito de Beja a não ser na cidade, e, depois, a proibição de sessões na própria cidade de Beja, mesmo assim a Oposição conseguiu mobilizar dezenas de milhares de pessoas. Basta lembrar que a passagem do Dr. Arlindo Vicente por Aljustrel deu lugar à paralização de trabalho das minas e dos campos e à concentração de mais de 4 mil pessoas que o aclamaram. Depois, em Beja, milhares de pessoas esperaram este candidato, e a uma sessão que se realizou na praça de touros compareceram mais de 6 mil pessoas de todo o distrito. A passagem por este distrito do outro candidato da Oposição, General Humberto Delgado, proporcionou manifestações de massas ainda mais potentes. Numa jornada que já mais será esquecida concentraram-se à sua chegada a Beja entre 40 e 50 mil pessoas, homens e mulheres, velhos e jovens de todo o distrito que o aclamaram delirantemente aos gritos de «Eleições livres, Amnistia, Libertação dos presos políticos, Justiça, Liberdade, etc». As autoridades defrontaram esta manifestação pacífica e democrática com a concentração de mais de mil GNR fortemente armados em Beja, com o reforço da PSP e a tomada da cidade pela PIDE que aí efectuou várias prisões e procurou criar um clima de terror. A despeito das ilegalidades e violências cometidas pelo governo e do terror desencadeado, a despeito de terem chegado ao assassinato de democratas, mesmo assim o entusiasmo popular foi imenso por toda a parte e as massas acorreram a vitoriar os candidatos. Em Évora à chegada do General concentraram-se mais de 5 a 6 mil pessoas. No Couço assistiram a uma sessão mais de 4 mil pessoas. Em Montemor, Ermidas e Grândola assistiram à passagem dos candidatos mais de 2 mil pessoas, tendo em Ermidas e Grândola sido indescritível o entusiasmo e tendo toda a gente parado o trabalho no dia da passagem do Dr. Arlindo Vicente para ter a certeza de o ver. No meio da maior vibração democrática decorreram também inúmeras outras sessões como a de Alpiarça, de Portalegre, e de numerosas outras vilas e cidades, isto para falarmos

somente de alguns meios camponeses e não se insistir nas gigantescas recepções de Lisboa e Porto que reuniram meio milhão de pessoas.

Só graças à coragem das massas populares no meio das maiores arbitrariedades, do terror e das notas oficiosas e confidenciais da última hora impedindo toda e qualquer fiscalização eleitoral, do roubo de centos de milhares de listas e da prisão de comissões eleitorais, foi possível acorrer em massa às urnas e tentar em numerosos casos impor uma fiscalização que, embora limitada, bastou para mostrar que foi o General Humberto Delgado quem a Nação elegeu para a Presidência da República. O candidato da Oposição unido entre outras venceu as eleições em Santarém, Alcanena, Cartaxo, Alpiar-

ça, Almeirim, Rio Maior, Couço, Escorcal, Bencatel, Ermidas, Cercal, Sofara, Pias, Aljezur, etc, etc.

Perante a burla eleitoral, perante o roubo de votos que couberam ao gen. Humberto Delgado e a falsificação generalizada dos resultados eleitorais, o País vibrou de indignação e considerou que seria uma desonra aceitar e submeter-se à falsificação de Salazar, Santos Costa e da sua camarilha e aceitar o seu candidato — o boneco Américo Tomás como Supremo Magistrado da Nação. Por isso a gloriosa classe operária logo no dia 12, isto é, apenas 4 dias após as eleições burla, entrou no caminho da greve política, greve que se iniciou na Cova da Piedade, Almada e Cacilhas e logo se estendeu a outras terras de Norte a Sul do País:

(Continua na 2.ª pág.)

IMPORTANTES LUTAS E VITÓRIAS NAS CEIFAS

Ao fim de 32 anos de governo de Salazar os trabalhadores da terra vêem-se obrigados a lutar mais do que nunca para fugir à situação de miséria cada vez maior em que se encontram.

CAMPO MAIOR — Mais de 3 mil operários agrícolas, homens e mulheres fizeram greve. No dia 13 de Maio mil trabalhadores em greve concentraram-se na praça de jornas e no dia 14 mais de 2 mil reuniram-se na Casa do Povo onde discutiram as jornas de fome que queriam impor-lhes e combinaram pedir a jorna de 40\$00. Em face da unidade dos trabalhadores os agrários fizeram uma reunião na Câmara. Os trabalhadores enviaram uma comissão de 4 trabalhadores à reunião dos agrários, mas a delegação foi ameaçada com a PIDE, que estava presente, se não fossem trabalhar pelas jornas estabelecidas num edital. Os trabalhadores não se deixaram atemorizar e continuaram em greve, juntando-se-lhes mais 300 operários agrícolas de Ouguela também de Alegrete e de Reguengos de Portalegre. Perante o alastrar do movimento grevista o presidente da Câmara o agrário José Pinheiro tomou medidas repressivas mandando vir reforços da GNR, da PSP e mais PIDE que logo no dia 16 fizeram 14 prisões, e através uma violenta repressão que se estendeu por muito tempo acabaram por obrigar os trabalhadores a pegar no trabalho por jornas de 17 e 18\$00 os homens e de 10 e 12\$00 as mulheres ao fim de 2 semanas de greve.

AVIZ — Depois de várias reuniões e várias concentrações de trabalhadores na Casa do Povo, exigindo as 8 horas de trabalho e aumento dos salários, foram presos pela PIDE e GNR no dia 13 de Abril, 6 trabalhadores de Benavila e Aviz. Mas os valentes trabalhadores não se intimidaram com o terror desencadeado pela PIDE ao serviço dos grandes agrários e em novas reuniões e concentrações resolveram ir para a greve no dia 26 de Maio se os agrários se negassem a pagar

35\$00 aos homens e 25\$00 às mulheres, e as 8 horas nas ceifas. Novos reforços da PIDE e da GNR foram chamados e os agrários procuraram implantando o terror evitar a greve. Mas no dia 26 de Maio 850 trabalhadores de Aviz, Alcórrego, Ervedal foram para a greve. A PIDE e a GNR fizeram mais 12 prisões mas os trabalhadores exigiram a libertação dos presos. Apesar da violência da GNR que andava com metralhadoras e que espancou os trabalhadores, estes mantiveram-se em greve dois dias acabando por alcançar os salários que pretendiam.

MONTEMOR-O-NOVO — No dia 19 de Maio concentraram-se na praça de jorna mais de 300 ceifeiros, combinando pedir 50\$00 nas ceifas.

Os agrários não queriam dar esta jorna mas em face da unidade dos trabalhadores tiveram de ceder, saindo a maior parte dos trabalhadores a 50\$00 e 52\$00 e as mulheres a metade destas jornas.

ESCORAL — Logo na primeira semana de ceifas mais de 200 camponeses concentraram-se na praça de jornas e bem unidos obrigaram os agrários a pagar-lhes a jorna de 40 45, 50, e mesmo 52\$50 aos homens e metade às mulheres.

COUÇO — Devido às eleições terem decorrido desfavoráveis ao salazarismo no Couço, pois ganhou nas urnas o general Humberto Delgado e pelo fim das ceifas, os grandes agrários desta região entraram no caminho da provocação e resol-

(Continua na 2.ª pág.)

CORREU SANGUE EM MONTEMOR

No passado dia 23 de Junho mais de 200 trabalhadores de Montemor-o-Novo dirigiram-se pacificamente à Câmara para se avistarem com o Presidente José Vacas, para que se encarassem medidas que conduzissem ao aumento dos seus salários, visto estes não fazerem face à angustiosa subida do custo de vida. O miserável fascista Vacas recusou-se a ouvir os trabalhadores e imediatamente chamou reforços da GNR de Évora e de Vendas Novas. Estes comandados pelo capitão Caldeira e instigados pelo Vacas e por vários agentes da PIDE, depois de terem afogado os carros para cima dos trabalhadores, abriram fogo, tendo o sargento da GNR disparado uma rajada de metralhadora que provocou logo a morte do nosso companheiro José Adelino dos Santos e mais 3 feridos.

Os facinorosos salazaristas não contentes com a cobardia dos crimes que acabavam de praticar agarraram no morto e nos feridos e levaram-nos para Lisboa. Mais de 200 pessoas foram imediatamente presas. Uma onda de repressão

caiu sobre a corajosa gente de Montemor. Seguiram para Lisboa mais de 40 presos que estão a ser barbaramente tratados. Há fortes razões para supor que um destes presos António Farrica foi mesmo já assassinado, pois foi visto na prisão de Caxias muito mal tratado, tendo-nos chegado a notícia de ter falecido no dia seguinte.

Mas estes monstruosos crimes cometidos pelos Carrajolas não quebraram o ânimo do povo de Montemor, por isso no dia do funeral concentraram-se mais de 2.500 pessoas à espera do cadáver, tendo rompido corajosamente os cordões de mais de 200 GNRs armados de metralhadoras e carros de assalto para se dirigirem para o cemitério. Aqui uma enorme multidão pôde prestar uma sentida homenagem de despedida a José Adelino dos Santos que o nosso povo nunca esquecerá, como nunca esquecerá Catarina Eufémia, Alfredo Lima, José Patuleia, Germano Vidigal, etc, etc.

Exijamos por toda a parte o castigo dos criminosos. JUSTIÇA! JUSTIÇA! JUSTIÇA!

(Continuado da 1ª pág.)

Matosinhos, Alverca, Alhandra, Baleizão, Quintos, Vale do Vargo, Pias, Serpa, no dia 16, para continuar a alargar-se a outras localidades e empresas do Porto, Senhora da Hora, etc. No dia 23, a greve estendeu-se ao Couço e a Montemor-o-Novo onde o salazarismo tenta abafar uma manifestação popular por melhores jornadas e contra as burlas eleitorais, com tiros de metralhadora, resultando daí mortos, feridos, prisões. Dezenas de milhares de operários manifestaram-se contra a falsificação dos resultados eleitorais.

Expressando o descontentamento nacional contra a burla eleitoral o gen. Humberto Delgado apresentou às entidades competentes um documento em que se impunham os resultados eleitorais, isto é se contestam devido às irregularidades e violências cometidas.

A Nação indignada lançou-se em novas e potentes greves como a de Alpiarça dos dias 25 a 27 de Junho, de Messines e Cumadães no Algarve no dia 30. Organizou-se uma Jornada Nacional de protesto contra as burlas eleitorais para os dias 1, 2 e 3 de Julho.

Além de se vestir de luto em sinal de sentimento pelo que se passa no nosso País, o povo resolveu não utilizar transportes colectivos, nem comprar jornais ou ir a cinemas, etc, e até lançar-se noutras greves. Esta Jornada nacional foi um êxito para as forças democráticas, por toda a parte foi seguida e sentida. Em Beja, nos dias 1, 2 e 3 de Julho mais de 15 mil operários da cidade e do campo lançaram-se em greve. Vendo-se desmascarado pelas amplas massas o governo fez desabar uma onda de feroz repressão sobre Beja, Neves, Salvada, Penedo Gordo, Monte Gordo, Boavista, Vila Azeda, Baleizão, Quintos, Pias, Vale de Vargo, Aldeia Nova, A-do-Finto, etc, etc, mas os milhares de grevistas conscientes da justiça da sua atitude enfrentam-na com firmeza. As prisões estão cheias. Os presos são mal tratados. Os intentos da PIDE que se acoberta com a GNR e PSP são sinistros. O governo criminosamente ordenou que os grevistas

A LUTA TEM DE PRESSEGUIR ATÉ À VITÓRIA!

LUTAS E VITÓRIAS

(Continuação da 1.ª pág.)

veram baixar os salários dos homens para 16\$00 e os das mulheres para 8\$00. Isto originou uma grande indignação nos trabalhadores, tendo levado os ceifeiros e ceifeiras a declararem-se no dia 23 de Junho em greve como protesto contra os salários de fome. As mulheres em grupos, cheias de fome, com os filhos nos braços iam de rancho em rancho e de herdade em herdade a pedir aos trabalhadores que se declarassem em greve e no caso de hesitações tiravam-lhes as ferramentas das mãos. A greve estendeu-se ligada com protesto contra as burlas eleitorais a camadas cada vez mais vastas de trabalhadores, alcançando a barragem de Montargil e as barragens do Sorraia onde a maioria dos operários largou o trabalho. Mais de 300 GNR e numerosos PIDES invadiram esta região e foram efectuadas numerosas prisões. No posto homens e mulheres são duramente espancados pelo crime de não se quererem deixar matar à fome. Só no dia 27 de Junho foram levados para Lisboa pelo menos 2 camionetas cheias de presos, homens, mulheres e crianças.

Noutras terras do Alto Alentejo, como S. Cristovão, Alcaçovas, Payia, Mora, Siburo, Reguengos, Évora, etc, as jornadas nas ceifas andaram à roda de 40 e 45\$00.

No Baixo Alentejo as jornadas

não sejam readmitidos no trabalho, mas a unidade e a firmeza na luta por parte dos trabalhadores acabará sem dúvida por dar-lhes a vitória neste combate contra um regime ilegal. Todavia é urgente que todo o País preste Solidariedade aos corajosos lutadores de Beja, assim como aos de todas as terras onde se verifiquem situações idênticas.

Os assalariados agrícolas compreenderam desde o primeiro momento a importância das batalhas democráticas que iam travar-se e para elas se preparam com entusiasmo. Os trabalhadores sabem que é absolutamente necessário para melhorarem a sua situação lutarem firmemente para que isso aconteça e sabem também que só com a expulsão do representante dos grandes capitalistas e grandes agrários — de Salazar — do Poder se abrirá o caminho para um futuro mais feliz. O proletariado dos campos está farto de miséria e de fome. 32 anos de fascismo ensinaram-lhe numa dolorosa experiência qual o valor de Salazar e o que dele se pode esperar. 32 anos de fome e de sofrimento deram-lhe a consciência política necessária para que compreenda que a sua libertação tem de ser por si conquistada, por isso se ergue e alinha à vanguarda da luta de conquista da Democracia, que só através da acção e da unidade de todos os anti-salazaristas pode ser alcançada. Também outras camadas das massas camponesas como os seareiros e rendeiros, como os pequenos, médios e mesmo alguns ricos proprietários, etc, ensinados por toda uma política de espoliação, de baixos preços para os seus produtos, de pesados impostos e contribuições, de sacrifícios enfim, participaram valorosamente nestas jornadas democráticas colocando-se ao lado do seu aliado natural — a classe operária. Da unidade e da luta da classe operária e da sua aliança com os camponeses, da luta de todo o nosso povo há-de resultar a vitória.

Portugal precisa da Democracia para progredir. A Democracia tem de ser por nós alcançada, há que conquistá-la em novas jornadas.

de um modo geral ficaram à quem do que teria sido possível conseguir se uma maior energia e espírito de organização tivesse amparado os trabalhadores. Em Pias, Aldeia Nova, Serpa e Vale de Vargo as jornadas, de modo geral andaram à roda dos 35\$00 para homens e 23 e 25\$00 para as mulheres. Houve também alguns casos de 40\$00 mas relativamente poucos. Em Moura as jornadas foram melhores devido à resistência dos trabalhadores, tendo-se obtido jornadas de 40, 42 e 43\$00 e andando a média à roda dos 35 a 40\$00. Na Póvoa conquistaram-se os 50\$00 e na Amareleja 60\$00. Este ano o período da ceifa foi ainda mais curto do que nos últimos anos devido à maior utilização de ceifeiras mecânicas. Mesmo assim onde os trabalhadores entraram nas ceifas com um elevado espírito de luta conseguiram melhorar a sua situação sobre a do ano anterior. Em Baleizão, por exemplo, os trabalhadores entraram nas ceifas após uma greve de todos os 240 que andavam nas obras da estrada. Esta unidade proporcionou que tendo começado a ceifa a 35 os homens e 20\$00 as mulheres, logo na 2ª semana os homens conseguissem 40\$00. Depois 45, 50 e 60\$00 aos homens e 30 e 32\$00 às mulheres. Um rancho de 40 pessoas alcançou, durante uma semana, 75\$00 os homens e 50\$00 as mulheres. Os salários depois foram



Vamos lá conversar, Zé!

— Até que te encontro, Toino! Já te procurava há pedaço.

— Há alguma coisa assim tão importante, Zé?

— Então ainda não te deste conta, Toino, que estamos à beira da guerra?

— O que é que há, Zé?

— Nunca nos últimos tempos o mundo esteve tão próximo da guerra Toino. Os americanos e os ingleses desembarcaram no Líbano e na Jordânia para defenderem os governos reaccionários desses países dos seus povos que os querem expulsar do Poder. Mas não é só isto, Toino. Todos os reaccionários do Médio Oriente, empurrados pelos Estados Unidos, pela Inglaterra e pela França, estão a preparar-se para invadir o Iraque, um pequeno País dessa região, muito rico em petróleo, mas onde o povo tem vivido muito pobremente devido ao roubo das suas riquezas pelos imperialistas. Como agora o povo tomou conta do governo, toda a reacção se levanta e procura esmagá-lo.

Já estou a perceber, Zé, é como se o nosso povo conseguisse um governo honrado que trabalhasse em defesa das nossas riquezas nacionais e os senhores americanos e ingleses desembarcassem na Espanha do seu laçao Franco para depois virem cá impôr-nos o Salazar, o Santos Costa e a camarilha deles e assim poderem continuar a roubar fortemente o nosso País.

Exactamente Toino. Mas hoje estes crimes já não se fazem com facilidade. O povo do Iraque tem grandes amigos noutros povos que já passaram pela mesma situação e que o ajudarão de todas as formas. Há o Egipto do Coronel Nasser que há um ano e meio deu uma grande lição aos imperialistas quando lhe queriam roubar o Canal do Suez, e há também muitos outros povos amantes sinceros da Paz, à frente dos quais está a União Soviética sempre disposta a ajudar os povos na luta pela sua independência.

Já vejo, Zé, que se os americanos ou os seus laçaios quiserem ir muito longe contra esses povos ou contra o Iraque a União Soviética os ajudará.

Isso mesmo, Toino. E tanto mais que isto se passa muito próximo das suas fronteiras. Todo o mundo, Toino, deve ajudar o povo do Iraque a manter a sua independência.

— Que é que nós podemos fazer, Zé?

Em primeiro lugar, Toino, há que notar que nós, portugueses, também estamos muito interessados na Paz. Salazar meteu o nosso País no Pacto do Atlântico onde estão os imperialistas americanos, ingleses, franceses, pacto de preparação para a guerra. Todos nós somos a favor da Paz, mas os fascistas e os grandes capitalistas querem a guerra para desenvolverem os seus negócios e esmagarem os povos democráticos. Por estarmos no Pacto do Atlântico sujeitamo-nos a entrar também em guerra e a sermos esmagados num instante pelas bombas atómicas que os países atacados para se defender teriam de lançar contra as bases dos americanos nos nossos países.

Sei, Zé, que em Portugal há várias dessas bases, e até há uma muito importante nos Açores que é a das Lagens.

Sim, Toino, Salazar entregou pedaços do nosso território aos americanos, e em vez de fazer uma política de Neutralidade como convém ao nosso Portugal faz uma política de blocos militares e põe-se ao serviço dos imperialistas, é um fomentador de guerra.

Vejo bem agora, Zé, que é a nossa própria vida que defendemos lutando pela Paz. Devemos exigir que os invasores americanos e ingleses saiam dos países que invadiram, que o nosso País saia do Pacto do Atlântico e que regresse a Portugal a base das Lagens. Devemos ser pela NEUTRALIDADE!

É assim Toino. Mas isto há que fazê-lo compreender a todas as pessoas e que levá-las a tomar uma posição activa que para isto aconteça.

— Que fazer, Zé?

Olha Toino, conversar, conversar, esclarecer, gritar bem alto que QUEREMOS A PAZ. Fazer agitação e inscrições nas paredes. Fazer moções e apelos, assinados ou não, em que se exija a saída dos americanos e ingleses dos países que invadiram. Escrever, telefonar ou ir às embaixadas e aos representantes dos países imperialistas e dizer-lhes o que pensamos da sua vergonhosa acção. E tudo o mais que vejas sempre voltado para o esclarecimento dos trabalhadores em reuniões e conversas em toda a parte e em todos os ranchos.

— Abri-me os olhos mais uma vez, Zé. Vou já trabalhar com energia, como com certeza trabalham centenas de milhões de pessoas em todo o Mundo. Eu sou partidário da Paz, Zé, porque sei que defendendo a Paz, defendo uma Causa justa, o meu querido Portugal, assim como a minha própria vida e a de todos que amo.

baixando para 35 e 30\$00 os homens e para 25 e 23\$00 as mulheres. Os trabalhadores consideram que estas jornadas foram uma importante vitória obtida pela sua firmeza. A média para todo o período da ceifa, cerca de mês e meio, dá uns 40\$00 aos homens e uns 27\$00 às mulheres. Como sempre os agrários e os lavradores resistiram à subida das jornadas.

Também na parte sul do distrito de Setúbal as jornadas, a despeito de um ou outro êxito, ficaram à quem do necessário. No Cercal conseguiram-se 35\$00 para os homens e 20\$00 para as mulheres. No concelho de Sines as mulheres ganharam em geral 20\$00.

Em Ermidas as ceifas abriram

com 30 e 35\$00. Ao fim de 3 dias apareceu o nosso «Camponês-das-Ceifas» e logo por todos os lados se pediu aumento de salários. A pressão para a subida das jornadas era geral. Conquistaram-se os 40 e 45\$00, chegou-se aos 50\$00 e houve ceifeiros que conquistaram 55\$00. Em Alvalade também pela agitação do jornal «O Camponês» e pela decisão e unidade dos trabalhadores conquistaram-se jornadas razoáveis, conseguindo-se os 60\$00.

A experiência deste novo período das ceifas confirma mais uma vez que os trabalhadores só pela luta conseguem melhorar a sua situação e que A UNIDADE É A ÚNICA GARANTIA DA VITÓRIA.